

**O CASO DA MONOTONGAÇÃO NA ORALIDADE
EM CAMPO GRANDE – MS**

Taís Turaça Arantes (UEMS)

taistania@gmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

sierra@uems.br

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

A área que se preocupa com as questões entre língua e sociedade é a chamada sociolinguística, que nada mais é do que uma das vertentes teóricas da linguística. A sociolinguística estuda a língua em sua comunidade de fala, inclusive sua diversidade. Nessa perspectiva de compreender a língua em sua comunidade de fala que se faz o objeto de estudo desse artigo que tem por objetivo verificar o caso da monotongação na oralidade dos habitantes do bairro Coophavilla II, localizada na cidade de Campo Grande (MS). Nesse sentido, o estudo teve como foco da análise, a partir da teoria laboviana, o caso da monotongação nos ditongos decrescentes [ej] e [ow].

Palavras-chave: Sociolinguística. Monotongação. Campo Grande.

1. Introdução

É por meio da língua que um indivíduo se comunica com outro, ou seja, como uma forma de interação entre os falantes e a sociedade em que os mesmos estão. A área que se preocupa com as questões entre língua e sociedade é a chamada sociolinguística, que nada mais é do que uma das vertentes teóricas da linguística.

A sociolinguística estuda a língua em sua comunidade de fala, inclusive sua diversidade. Essa área de estudo nasce com questionamentos de Antoine Meillet, um dos discípulos de Saussure, sobre o fato social da linguagem. (CALVET, 2002, p. 13). Nesse sentido também temos os estudos de Bright (1966), pesquisador que também contribuiu muito para o nascimento dessa vertente. Os estudos de Meillet e Bright não foram o suficiente para os estudos da sociolinguística, pois ainda existia algumas lacunas que ainda precisavam ser preenchidas.

Logo, é a partir das pesquisas de Labov (1966, 1972), influenciado por Meillet, que as questões passaram a ficar mais claras. Logo, é de valia dizer que no Brasil há pesquisadores de renome, entre eles está Ta-

rallo (1951-1992). O mesmo é uma das referências teóricas que utilizamos na pesquisa proposta para o presente artigo. Pois Tarallo retoma a questão e contribuição de Labov e traz a aplicação da teoria ao cotidiano da pesquisa.

Nessa perspectiva de compreender a língua em sua comunidade de fala que é o objeto de estudo desse artigo tem por objetivo verificar o caso da monotongação na oralidade dos habitantes do bairro Coopavilla II, localizado na cidade de Campo Grande do estado de Mato Grosso do Sul. Uma vez que compreendemos o fato de que o Brasil possui uma grande extensão geográfica e que evidentemente acontecerá as variações linguísticas e as mudanças linguísticas no país.

Esse tipo de estudo que tem por objeto a monotongação já aconteceu em grandes capitais do país, tal como a de Rio de Janeiro, localizada no estado de Rio de Janeiro. Nesse sentido, o estudo teve como foco da análise, a partir da teoria laboviana, o caso da monotongação nos ditongos decrescentes [ej] e [ow].

Como parte da pesquisa houve uma divisão dos informantes, que ficou da seguinte forma: formados, graduandos, nível fundamental – séries finais e escolaridade incompleta. Para um melhor desenvolvimento da pesquisa as entrevistas foram realizadas na casa do próprio informante e o questionário trazia perguntas do cotidiano do informante.

Para isso o artigo feito como resultado final da pesquisa foi dividido em dois tópicos. Sendo o primeiro responsável por uma breve explicação da pesquisa sociolinguística e o segundo sobre o caso da monotongação e a análise dos dados recolhidos na pesquisa. Essa análise dos dados foram organizados em tabelas para demonstrar as ocorrência dos ditongos [ej] e [ow] e o respectivo processo de monotongação.

2. Metodologia referente à análise sociolinguística

Como este trabalho visa o estudo da monotongação dos ditongos [ej] e [ow] em uma perspectiva sociolinguística, escolhemos como local para desenvolvimento do estudo o bairro Coopavilla II, localizado no município de Campo Grande do Estado de Mato Grosso do Sul.

Escolhemos esse bairro por estar localizado no município de Campo Grande. Sobre as características da capital, a mesma tem cerca de

832.352 habitantes¹⁴⁴, e assim poderíamos ter uma grande base de informantes a serem entrevistados.

Como a sociolinguística está focada na comunidade de fala, alguns dados bibliográficos foram levantados antes da ida a campo. Entre elas realizamos uma pesquisa, breve, sobre as características físicas, geográficas, históricas, culturais e econômicas. Nesse sentido é importante dizer que esses tipos de dados são de grande relevância para se entender as variáveis linguísticas, como também facilitam na escolha dos informantes.

Como já mencionado, o bairro Coophavilla II está localizado na cidade de Campo Grande que é uma capital. Sobre a capital, a mesma está localizada geograficamente na porção central de Mato Grosso do Sul, ocupando cerca de 2,26% do estado¹⁴⁵. O estado tem como fonte de economia o agronegócio, por meio dos programas de fomento e desenvolvimento das cadeias produtivas de carne, leite, peixe, horticultura, ovinocultura e outros.

Sendo assim, o município de Campo Grande existem vários assentamentos rurais implantados¹⁴⁶. A renda per capita de Campo Grande (R\$), de acordo com dados de 2010 informados no site da prefeitura do município, é entre R\$ 349,00 a R\$ 3.845, 32¹⁴⁷. O número de pessoas alfabetizadas é de 693. 235¹⁴⁸, no total, englobando todas as faixas etárias. Conta com duas instituições públicas de ensino, que são: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e a Universidade Estadual de Mato Grosso do sul (UEMS) e diversas particulares.

Sobre o bairro Coophavilla II, o mesmo está **localizado** na região

¹⁴⁴ Disponível em:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=500270&search=mato-grosso-do-sul|campo-grande>. Acessado em: 16-06-2014.

¹⁴⁵ Disponível em: <<http://www.campogrande.ms.gov.br/egov/imti/perfil-pageflip/perfil-2013.html>>. Acesso em: 16-06-2014.

¹⁴⁶ Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/egov/imti/perfil-pageflip/perfil-2013.html>. Acessado em 16 de junho de 2014, às 14:33.

¹⁴⁷ Disponível em: <<http://www.campogrande.ms.gov.br/egov/imti/perfil-pageflip/perfil-2013.html>>. Acesso em: 16-06-2014.

¹⁴⁸ Disponível em: <<http://www.campogrande.ms.gov.br/egov/imti/perfil-pageflip/perfil-2013.html>>. Acesso em: 16-06-2014.

da Lagoa. O bairro conta com uma estrutura de grande relevância para os seus moradores. Pois por estar afastado do centro da cidade o bairro conta com um centro comercial, no qual existem dois mercados, lotéricas e depósitos, fora dessa estrutura existem as áreas de lazer, dois postos de saúde e duas escolas estaduais. Em suma, desde a sua criação o bairro foi elaborado de uma forma que fosse independente do centro da cidade, para que os seus moradores não precisassem sair do local para resolver qualquer problema do cotidiano.

Dessa forma foram escolhidas as linhas das entrevistas, cujo o questionário trouxe perguntas relacionadas a infância do informante e a história que sabia do bairro. Vale mencionar que o questionário focou na questão de um pescueiro que foi desativado para a construção da Avenida Dr. Nasri Siufi. A seleção dos entrevistados foi feita com base na estratificação social preconizada por Labov (2008).

Logo, como já explicado que o foco da análise foi a partir da teoria laboviana, buscamos nesse estudo o caso da monotongação [ej] e [ow]. Levamos em conta as variáveis sociais: idade e escolaridade dos informantes.

Por isso que para essa pesquisa foram entrevistados 10 informantes, divididos em quatro grupos de acordo com o nível de escolaridade. Sendo assim a divisão: 2 formados, 3 graduandos, 2 do nível fundamental – séries finais e 3 com a escolaridade incompleta.

Os dois informantes formados tinham entre 22 a 29 anos, os três graduandos tinham entre 20 a 27 anos, os dois informantes do nível fundamental tinham entre 11 a 14 anos e os três com escolaridade incompleta tinham entre 44 a 58 anos.

As entrevistas foram realizadas na casa do próprio informante. Tiveram em torno de 40 minutos e registradas por meio de um gravador de celular da marca Nokia. No próximo tópico veremos as quantidades de vezes que acontece a monotongação.

3. O caso da monotongação: análise dos dados

Nesse tópico analisaremos os dados colhidos durante a ida de campo, para demonstrar as ocorrências dos ditongos e o seu processo de monotongação.

Mas antes da visualização das tabelas veremos os conceitos de

monotongo e monotongação. Logo, que ambas definições estão ligadas e para uma melhor explicação sobre o que é a monotongação, explicaremos o termo Monotongo. Aragão (2000, p. 111) nos diz que “o termo monotongo não é usado com muita frequência, a não ser quando se trabalha com a monotongação.”. Em suma, é o som de vogal única, por exemplo de [ej] para [e]. Nesse sentido a monotongação é o processo que vai “em direção contrária à ditongação, a monotongação é vista como uma redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação completa.”. (ARAGÃO, 2000, p. 112). Usamos como exemplo a palavra “peixe”, ao invés do falante pronunciar a palavra como registra sua grafia ele pronuncia “pexe”.

Nas entrevistas foram registradas cerca de 93 ocorrências do ditongo [ej] e cerca de 101 ocorrências do ditongo [ow]. Abaixo as tabelas.

	Total ocorrência	Porcentagem
Ditongo	11	11,83%
Monotongo	82	88,17%
Total	93	100,00%

Tabela 1: Ocorrência do ditongo [ej] e respectivo processo de monotongação

	Total de ocorrência	Porcentagem
Ditongo	13	12,87%
Monotongo	88	87,13%
Total	101	100,00%

Tabela 2: Ocorrência do ditongo [ow] e respectivo processo de monotongação

De acordo com os dados colhidos as análises das variáveis apresentam as monotongações dos ditongos orais decrescentes. Acontece o apagamento da glide palatal [j] ou a velar [w].

4. Conclusão

Como o questionário foi elaborado em cima de um assunto de conhecimento dos informantes as entrevistas aconteceram na casa dos mesmos. Acreditando no fato de que se deixar o informante o mais confortável possível, melhor será para que o mesmo não cuide de sua fala. Ou seja, no calor das entrevistas os informantes falavam com empolgação e não “policiavam” a fala, o que importava naquele momento era a

comunicação. E com os registros percebemos o grau de ocorrências da monotongação.

Com a base nas pesquisas sociolinguísticas iniciais e com a leitura da área percebemos que os ditongos decrescentes [ej] e [ow] apresentaram o caso da monotongação. E sobre esse processo percebemos que houve o apagamento total da semivogal.

Dessa forma, ficou claro para os pesquisadores ainda mais a importância da pesquisa sociolinguística, pois com ela é possível ver as variações e as mudanças linguísticas que acontecem na língua portuguesa do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. Ditongação e monotongação no falar de Fortaleza. *Graphos* (João Pessoa), João Pessoa, vol. V, n. 1, p. 109-122, 2000. Disponível em: <<http://www.profala.ufc.br/trabalho9.pdf>>. Acesso em: 17-06-2014.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. *Sociolinguística*. Letras libras. João Pessoa: UFPB, 2010.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CRISTOFOLINI, Carla. Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. *Revista da ABRALIN*, vol. 10, n. 1, p. 205-229, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2011-vol-10-n-1/carla-cristofolini1.pdf>>. Acesso em: 09-06-2014.

ILARI, Rodolfo. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SÁ, Edmilson José de. A pesquisa sociolinguística e a seleção de informantes: o que sugere Fernando Tarallo? *Web-Revista SOCIODIALETO*, vol. 04, p. 108-121, 2014. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/31052014021408.pdf>>. Acessado em: 16-06-2014.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MAY, Guilherme Henrique. *Labov e o fato social*. 2011. Dissertação (de Mestrado). – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94780/294411.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12-06-2014.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: ____; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 09-14.

MONTEIRO, José Lemos. A concepção de língua. In: _____. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 13-20.

NAZÁRIO, Maria de Lurdes. Variação e mudança linguística: a emergência do artigo definido na língua latina. *Revista de Linguística e Teoria Literária*. Anápolis, vol. 03, n. 02. p. 333-344. jul./dez. 2011. Disponível em:

http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae/assets/files/volume_revista/vol_3_num_2/Vol_3-2_9_NAZARIO_Variacao_mudanca_latim.pdf. Acesso em: 12-06-2014.

OLIVEIRA, Letícia Reis de et al. A pesquisa sociolinguística nas línguas indígenas brasileiras. *Web-Revista SOCIODIALETO*, vol. 04, p. 122-133, 2014. Disponível em:

<<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/31052014021653.pdf>>. Acesso em: 16-06-2014.

PEREIRA, Soraia Aparecida Roques; GOMES, Nataniel dos Santos. A sociolinguística no livro didático leitura do mundo. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 19, n. 55. p. 108-117, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/55supl/010.pdf>. Acesso em: 16-06-2014.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. *A sociolinguística e a língua materna*. Curitiba: Ipbex, 2009.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. *A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39409/000824264.pdf?...1>>. Acesso em: 17-06-2014.